O rosto do outro: apelo ético a responsabilidade em Emmanuel Lévinas

Edivaldo Alves Nunes[1]

Considerando que em nosso contexto atual falar de alteridade é de uma importância sem par, pois ela ocupa um lugar primordial frente à experiência antropológica religiosa pretende-se explicitar, com base na perspectiva levinasiana, o motivo pelo qual o rosto do outro pode ser concebido como possibilidade da transcendência relacional. Conforme Lévinas o Outro enquanto Outro escapa à fenomenologia do olhar, pois esta reduz o outro ao objeto. O apelo ético a responsabilidade é vista como elemento capaz de reestruturar as relações humanas a partir do respeito pela autonomia do ser humano. Neste trabalho tratarei da alteridade no âmbito da transcendência, como ocorre à formação do discurso do rosto do outro: apelo ético a responsabilidade em Emmanuel Lévinas.

Palavras-chave: Alteridade; Ética; Responsabilidade; Outro; Lévinas

Abstract

The face of the other: ethical call to responsibility in Emmanuel Levinas

Considering that in our current context to speak of otherness is an unequaled importance, because it occupies a prominent place outside the religious anthropological experience is intended to cover, from the perspective léviansiana, why the other's face can be seen as relational possibility of transcendence. According to Levinas, the Other as Other escapes the phenomenology of the gaze, as this reduces the other to object. The appeal ethical responsibility is seen as an element able to restructure human relationships based on respect for the autonomy of human beings. This paper will discuss the otherness within the transcendence, as in the formation of the discourse of the other's face: a call to ethical responsibility in Emmanuel Levinas.

Keywords: Alterity, Responsibility; Other; Levinas

[1] Bacharel em Teologia-Professor de Educação Básica pela Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais. Graduando em Filosofia-Universidade Federal de São João del- Rei- edivanunes@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Em nosso contexto atual falar de alteridade é de uma importância sem par, pois ela ocupa um lugar primordial frente à experiência antropológica religiosa. Neste trabalho tratarei da transcendência relacional, tendo como mola mestra o rosto do outro: apelo ético a responsabilidade em Emmanuel Lévinas.

Hoje o ser humano mais do que nunca busca espaço reservado e privado, afastando-se cada vez mais do convívio com os outros. Vivemos, pois em uma sociedade que vigora a lei da competitividade, da individualização excludente onde o outro é tido como ameaça. Vamos criando mundo como- cadeias humanas individuais que tornam as pessoas amargas, desconfiadas, escravas de si mesmas.

E este ser humano é ser inacabado, o qual está envolvido num constante processo de aperfeiçoamento e lutas diárias para desenvolver e atualizar suas potencialidades. É neste contexto que o ser humano vai tecendo sua história pessoal e social e descobre que é necessário relacionar com o outro que é diferente e faz a experiência da transcendência.

Este trabalho esta dividido, em duas partes: a primeira parte analisa como centralidade O Rosto do Outro em Emmanuel Lévinas, com enfoque na filosofia e alteridade no mesmo autor, a segunda parte o rosto do outro: apelo ético a responsabilidade em Emmanuel Lévinas, com a centralidade na antropologia religiosa.

É mister um prévio conhecimento do meu eu, que na medida em que vou buscando me conheço adquiro elementos que me ajudarão no meu conhecimento. O autoconhecimento é a porta de entrada para desvelá-lo da relação humana. E esta relação exigente e desafiadora, mas no mesmo tempo me possibilita no caminho da harmonização interior e exterior.

O ser humano é ser de relação. E necessita relacionar-se com o outro. A partir dessa o ser humano encontrar-se com o seu eu, com sua pobreza e esvaziando-se de si mesmo faz a experiência do transcendental relacional que dentro da tradição judaico-cristã chamaremos de Deus.

O caminho do autoconhecimento me leva a abertura da gratuidade do mistério da manifestação de uma transcendência relacional. É na relação com o outro que transcendo e que

descubro a capacidade de amar a o outro "Deus" que se transcendente que se manifesta no outro. Falo de amor que gera altruísmo superando o egoísmo.

O processo da alteridade engloba o ser humano em todas as dimensões e sua revelação se pela via do olhar. O olhar o outro me possibilita fazer a experiência da transcendência. Entretanto tenho que deixar o outro ser ele mesmo na sua totalidade.

Na dimensão antropológica, a valorização do outro é tida como presente do rosto do Criador nas criaturas. O outro é criatura e criação, que me possibilita fazer a experiência humana. O outro me conduz a solidariedade. Ser solidário é ser humano na sua integridade realizar o projeto divino na criação humana. Na criação humana, ser pessoa que gera no outro e faça que todos tenham vida e a tenham em abundância.

Na dimensão religiosa o outro é lugar onde habita a transcendência, o sagrado da minha experiência, é o belo, que contemplo Deus. É o outro que me dá garantia na vida que não estou sozinho, que me critica, e auxilia a lutar por dias melhores, que questiona a minha postura diante de mim mesmo e dos demais.

O outro é aquele que corrige, que aponta o caminho, que me ajuda a dividir as tristezas, buscar caminhos novos e eterniza as alegrias. É Perceber no outro a prefeita manifestação do divino, pois na medida em que relaciono com ele me possibilita compreender a grandeza de Deus revelada a todo ser humano.

Frente à individualização do ser humano que é forte na nossa cultura pós-moderna. Como contemplar uma relação transcendental que revela na gratuidade do amor ao próximo. Esta experiência marcante na espiritualidade cristã. Um Deus que se torna muito próximo do humano, e que se torna tão humano e convida o ser humano a divindade.

Hoje já se fala de uma transcendência relacional. E esta deve atingir a totalidade da experiência antropológica religiosa, revelada no apelo ético do rosto do outro. E assim propor a reconstrução da alteridade transcendental. Que hoje esta deficiente. Devido uma sociedade marcada pela cultura do individualismo. E que a partir desta alteridade abrir possibilidade de transcender as relações humanas.

1.2. O rosto do outro em Emmanuel Lévinas

"Deus é numa palavra o outro por excelência, o outro enquanto outro absolutamente outro..." (MELO, 2003.p.132).

Falar de alteridade é contemplar a figura sem par de Emmanuel Lévinas (1905-1995), é um dos maiores pensadores contemporâneos, que nos ajudará na reflexão sobre a alteridade. Para ele o acolhimento do outro é a possibilidade ética do ser humano tornar-se realmente humano.

Para compreendermos melhor a contribuição dada por Emmanuel Lévinas, faz-se necessário apreendermos a sua filosofia da ética e da alteridade.

Lévinas nasceu 12 de janeiro de 1096, em kovno, cidade da Lituânia. Sua origem judaica e burguesa, seu pai proprietário de uma livraria, que viria influenciar suas obras. Aprende desde pequeno o hebraico, e estuda Talmude e bíblia, e dedica-se à leitura de Tolstói e Dostoieviski, no qual apreciava a inquietude ética e a metafísica.

Devido à guerra de 1914 a família emigra para o território russo, instala-se na Ucrânia, presenciando todo desdobramento da Revolução Bochevique, que causa espanto à sua família.

Em 1923 o jovem Lévinas vai cursara filosofia em Strasbourg, França, dedica-se à leitura de Husserl e Heidegger. Em 1930, sua tese de doutorado, com o título *teoria da intuição na fenomenologia de Husserl.*

Com a ascensão de Hitler, em 1939, Lévinas é chamado para o serviço militar. No ano seguinte, é feito prisioneiro e sua família é quase toda massacrada. É no isolamento do campo de concentração que Lévinas se dedica à leitura de inúmeras obras filosóficas e dá inicio à sua principal obra, *"Da existência ao existente".*

Ao experimentar o tempo infernal, por não ter notícias de seus familiares e ouvir rumores sobre os campos de extermínio, com seu povo judeu, a realidade foi marcante e evidente a crise do humanismo; a Segunda Guerra mundial faz que Lévinas tente da um novo significado ao humanismo através da ética.

Esta breve biografia tem por finalidade ajudar a contextualizar o filósofo com o qual trataremos neste trabalho. Ao vivenciar os horrores do holocausto, vem-lhe a reflexão acerca do Outro como possibilidade de desvelamento da figura de Deus.

Assim, instala-se a preocupação de olhar o rosto do outro como transcendência, que impulsiona a uma responsabilidade, que convoca, e convida à ética da alteridade.

A reflexão de Emmanuel Lévinas carregará marcas dos mestres contemporâneo e a retomada do pensamento Judaico. O filosofo concentrará o problema da religião e do discurso de Deus.

> Deus não pertence à ordem do tema, é o Ab-solutus, que se absolve da presença da representação e, no entanto "se faz" presente de maneiras peculiares, rompendo a crosta do ser. Paradoxalmente, podemos definir a posição de Lévinas, a esse respeito, côo ateísmo teológico, se nenhuma referencia à chamada teologia da morte de Deus. (PENZO, GIBELLINI, 1998. p. 422)

Lévinas introduz a noção de separação da idéia do infinito entre o Mesmo e o Outro. Ao mesmo tempo elas não pode ser oposição, mas se abarca. A afirmação Levinasiana tem a ligação à tradição judaica. "O Infinito se produz renunciando à invasão de uma totalidade numa contração que deixa um lugar ao ser separado". (PENZO, GIBELLINI, 1998. p. 423).

Para o pensamento levinasiano Deus está na última instância e o conceito de Deus não é problemático, pois não é um conceito. Assim, Lévinas supera o desgaste lógico do discurso que a ética pode haver. É só no amor pelo outro que se pode encontrar a significação de Deus.

Numa linguagem Levinasiana Deus não é o que pensamos, uma abstração teológica. Para Lévinas a teologia é uma maneira racional de falar de Deus. O pensamento levinasiano o indivíduo tem que encontrar outros recursos, fora da instituição religiosa que consola e preserva o sentimento infantil, que deve triunfar a partir da sua consciência.

O discurso levinasiano é filosófico, busca a partir da concretude fenomenológica que pode significar, que produz significado humano. A primeira vista pode parece que o discurso levinasiano desconfia da razão e do saber estabelecido.

É de ressaltar que Lévinas transpõe o problema de Deus do plano ontológico e situa na relação intersubjetiva. O discurso filosófico sobre Deus está no nível da transcendência. Ele estabelece a ética da alteridade com a possibilidade para se pensar e para falar de Deus em sua transcendência. "A transcendência é o absoluto que se recusa à imanência do discurso, mesmo ao discurso da diferença ontológica. A transcendência ou é o excesso ou não é." (PENZO, GIBELLINI, 1998. p. 422). Lévinas estabelece uma ruptura entre a imanência e desperta para a transcendência, que para o filosofo será a alteridade da transcendência.

A alteridade em Lévinas não se confunde com Deus, mas se funde no que é nominal somente porque é um modo de dizer, é uma linguagem e significação. A alteridade é o ser teórico

que está escrito na relação, ou seja, é o jogo do conhecimento que é posto entre a clareza e a obscuridade da aventura da alteridade. A linguagem da idéia de Infinito:

> Pensando na impensabilidade da idéia de infinito, Deus se retira e se absolve num passado imemorial, do qual me vem à idéia, ou seja, a infinitude (onde o in de In-finito significa ao mesmo tempo o não e o em) é a não indiferença de Deus para com o homem. Deus, que representa retraindo-se na idéia do Infinito, onde o pensamento pensa mais do que possa pensar, provoca as perguntas sobre o sentido que já registramos, mas que agora se tornam questionamento do sujeito enquanto tal denúncia da profundidade da afecção de que é afetada a subjetividade pela imissão do Infinito nela, sem preensão nem compreensão**.** (PENZO, GIBELLINI, 1998. p. 428)

Portanto, a relação da alteridade é um estatuto ético. Da qual parte o humanismo levinasiano que funde no ético e religioso. A ética da alteridade se estrutura numa relação entre o Eu e o Outro. A ética e a religião conduzem o humanismo levinasiano no qual o outro é o libertador de todo o caminho que leva ao individualismo.

1.3 A ética da alteridade

A ética da alteridade parte da idéia de Infinito, subjetividade (passividade), sujeição e obediência que confere a ética. A concepção humanista que Lévinas postula a transcendência com ética. A ética da alteridade do outro é uma das vias do absolutização de Deus (transcendência) inatingibilidade do ser humano (criatura). Vale ressaltar que para o pensamento levinasiano Deus está na última instância.

> A idéia abstrata de Deus não pode iluminar a situação humana, e, no entanto, a idéia de Infinito, o que nos ordena a palavra Bem?[...] a transcendência é ética e a subjetividade, que, afinal de contas, não é o eu penso, que não é unidade da apercepção transcendental- é, à guisa de responsabilidade pelo outro homem, sujeição ao outro (PENZO; GIBELLINI, 1998. p. 430)

O outro é a única lei, que me apela a uma resposta pronta e obediente. A ética da alteridade em Lévinas revela a heteronomia e a autonomia da pessoa.

> A liberdade de governar não é uma força cega, mas um pensamento razoável. Sendo assim, a heteronomia aparente do comando (autoridade) não é senão uma autonomia. A vontade não pode receber uma ordem de outra vontade sem que ela não encontre essa ordem em si mesma. A exterioridade do comando é uma interioridade. Se a ordem fosse contrária à razão, ela se chocaria com o absoluto da razão. (MELO, 2003. p.205).

A ética da alteridade em Lévinas supõe como se pode ver, a inversão do poder do sujeito, pela potência –impotência do outro; de não matar a diferença absoluta do outro, mas sim

responsabilizar. O outro é a possibilidade de libertação da opressão da subjetividade enclausurada. Compreender a liberdade e a alteridade supõe que a. "Estrutura do estatuto da alteridade tem no outro a sua regra, na ordem do enigma do terceiro; a liberdade é possível porque o outro apela à responsabilidade, porque o mandamento não exige a sua submissão a uma força hostil".(MELO, 2003. p. 225).

Lévinas fala da eleidade como discurso sobre Deus, ele usa como O rastro do Outro, que indica o deslocamento de Deus, a kenosis de Deus, Lévinas remete a noção de criação, do homem com Deus. Nesta dimensão da ética é que instala a moral no ser humano e o convocar à abertura para a vida, possibilitar também a coragem de abandonar elementos obsoletos, e conferir a ousadia ao ser humano de estar assumindo a responsabilidade.

1.4 O rosto do Outro

Ao pensar no rosto do outro muitas das vezes ficamos na sua significação, na sua linguagem e na temporalidade, o qual ele fica aprisionado. O rosto fala por si e é para o outro a única identidade reconhecida como realidade a ser dominada.

Para Lévinas (1980), o rosto é a visibilidade concreta e indescritível, o qual é canal de relações, é pura relação. E ele continua dizendo que é na nudez do outro, na relação face-a-face, que o encontro do mesmo com o outro se dá. É uma venerabilidade e uma abertura para a transcendência. Que podemos dizer que:

> O rosto não é uma agregação de um nariz, de uma fronte, de olhos etc, ele é tudo isso, mas toma significado de um rosto pela dimensão nova que ele abre na percepção de um ser. Pelo rosto, o ser não é somente fechado na sua forma e à disposição - ele é aberto, instala-se em profundidade, em todo caso, nessa abertura, apresenta-se pessoalmente. O rosto é um modo irredutível segundo o qual o ser pode apresentar na sua identidade. (MELO, 2003. p .89).

Este rosto também anuncia a manifestação, o desvelamento da existência na fraqueza da pessoa, pode ser constatada com o autoritarismo, a bondade, paciência, sofrimento. Marcado assim, pela epifania do olhar que o ser humano ultrapassa o nível da percepção. Perceber esta manifestação como uma realidade que possibilita fazer a descoberta do ser do outro.

> Ser para o outro é a descoberta do para-si, dentro dos seus modos ou vivência que não encontram seu fundamento em si, mas na aparição do outro. Assim, a presença do outro é possibilidade de descoberta daquilo que sou, descubro-me o que sou porque o próximo me olha, esse ser diferente de mim que transcende a mim, revela-me um testemunho da minha realidade humana . (MELO, 2003. p. 97)".

Outro fato é a nudez do rosto, que se apresenta através do encontro com o meu eu, e com o outro. É no mundo o lugar em que a fruição do ser acontece. E aquilo que ele oferece ou não oferece, no mundo que também entra em relação com o eu mesmo. É a relação do sujeito com o mundo que é representativo, que o rosto do outro se revela, que convoca e provoca o ser a uma ética.

Outro dado importante é a reciprocidade que é constituída por conflitos, que o ser humano se sente em perigo diante do outro, se sente ameaçado. Esta relação é semelhante ao que revela o olhar: eu apreendo o outro com aquele-que-me-vê. O confronto com o outro se constituirá e me possibilitará ver o outro não como objeto, mas sim como sujeito.

A relação do sujeito com o mundo corresponde, também, com o desejo de satisfação do ser humano. Por isso, o ser no mundo vive a relação ética de ser sujeito responsável pelo o outro.

Portanto, a relação com o Outro, para Lévinas, não está no simples toque, no conviver, mas numa atitude de vida, numa atitude de ética de respeito ao Outro, de reconhecimento de sua infinitude, de sua dignidade, de um constante apelo à responsabilidade, sem necessariamente ter que haver reciprocidade, pois esta é responsabilidade do outro. Assim, o meu ser passa para ele, sem deixar de ser meu, apreendo-me como ser-para-outro.

> O olhar do outro me expõe, me coloca em perigo, temporalmente. Nélio comenta que pelo olhar do outro, pela sua presença, dependendo em meu ser de uma liberdade que não é minha e que é a in-condição do meu ser; a presença do outro constitui um perigo que não é um acidente, mas a estrutura de meu ser para o outro. (MELO, 2003. p. 98).

Olhar o outro é dizer que ele é a possibilidade de minha libertação da opressão, da subjetividade enclausurada. Ser para o outro é viver a transcendência que liberta, e que abre a relação-pessoal e quem responsabiliza, frente à totalidade do outro, a abertura ao mistério.

Para Sartre a relação de reciprocidade entre os seres só se dá no nível da consciência pré-reflexiva, pois sem esta não é possível uma relação sujeito-objeto. O próximo simplesmente é, não pode derivar de mim e considerar sua presença uma liberdade estranha.

Para Lévinas a epifania do rosto é algo enigmático. A totalidade do outro não é possível ser tematizada, pois o rosto quando entra em cena é ao mesmo tempo expressão. "O olhar é a revelação por ele ser comunicação e comunicante, por ele ser apelo e apelante, por ele ser acolhido da transcendência e transparência vivente da transcendência" (MELO, 2003. p. 104).

Portanto a epifania do rosto é a ética. E a ética pode suscitar a luta na qual o rosto pode ser causa de ameaça para o outro. O rosto ameaça com suas eventualidades, mas isso não esgota a

sua epifania, o rosto não pode ser simplificado nos contornos da forma e expressão, que se pode aprisionar em uma simples caricatura que essa abertura pode manifestar na sua forma de ser.

Podemos dizer que alteridade nasce do desvelar do ser que se manifesta ao outro. E falar de alteridade e olhar a abertura do ser humano em para com o outro e para com o transcendente.

É através da manifestação que podemos afirmar que o ser transcende, e que a transcendência se da mediante a sensibilidade e a abertura do outro ser. É esta relação de transcendência que conduz a uma relação de experimentar o outro através de um meio que se dá pelo rosto. O rosto se torna uma via que é.

> O acesso ao rosto do outro aponta pra sua infinitude. O rosto encontra-se totalmente como anterioridade e ulterioridade, por ser presença ao vestígio e passagem ao infinito. O outro estabelece comigo uma relação na qual desfaz o imperialismo do Mesmo e do Eu. Daí por que a idéia de infinito inscrita no rosto não tem caráter de uma abstração de alguma coisa que se oferece como dado. A relação com o rosto é conquista do outro sobre a egoidade do Mesmo e do Eu.(MELO, 2003. p.114).

2. O rosto do outro: apelo ético a responsabilidade

O rosto do outro, enquanto fenômeno do olhar não se pode ser reduzido a mero objeto. O rosto do outro é mais do que isto, e assim ele instaura no sujeito uma emergência ética.

É o rosto do outro que me auxilia no discurso de uma relação da relação, e me insere no meu eu. Esta relação rompe a barreira do meu cativeiro, e me interpela.

> Boff nos diz que "o rosto possui um olhar e uma irradiação da qual ninguém pode subtrair-se. O rosto e o olhar lançam sempre uma pro-posta em busca de uma res-posta. Nasce assim a res-ponsabilidade, a obrigatoriedade de dar res-postas. Aqui encontramos o lugar do nascimento da ética que reside nesta relação de res-ponsa-bilidade diante do rosto do outro, particularmente do rosto do outro que é oprimido. É na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem às relações mais primárias do ser humano e se decidem às tendências ou de cooperação. (BOFF, 1999. p.139).

Para Lévinas o Outro enquanto Outro escapa à fenomenologia do olhar, pois esta reduz o outro a objeto. O outro é mais do que isto instaura a imergência ética. Pois a ética é:

> A expressão que o rosto introduz no mundo, não desafia fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder. O rosto, ainda coisa entre as coisas, atravessa a forma que, entretanto o delimita. O que quer dizer concretamente: o rosto fala-me e convida-me, assim, a uma relação sem paralelo com um poder que se exerce, quer seja fruição quer seja conhecimento. (LEVINAS, 1980. p. 176).

A relação ética abre-nos acesso à totalidade do outro, do transcendente divino. "Pensar Deus, significa abrir-se ao mistério inexaurível do outro" (MELO, 2003. p.125). Todo é qualquer pensamento sobre Deus é testemunho de uma manifestação enigmática. O Deus transcendente vai ser sempre compreendido em três víeis: a inteligibilidade, o divino e o social.

A relação de proximidade é importante, pois é dela que emerge o valor da alteridade. Esta relação convida o sujeito a ser para o outro. A proximidade é algo essencial; pois toca o mais profundo do ser humano. É a relação ética da passividade do outro que implica uma paixão que redime, que liberta e faz o outro a transcender.

Para Lévinas (1980) o rosto do outro é uma oferta, como outra para o mesmo. A relação ética com o outro me põe em questão e exige de mim uma resposta, minha responsabilidade incondicional, e este exigem autenticidade.

O eu abandona e parto para a responsabilidade pelo-outro, que se da no seu desnudamento. Pois o outro altera e anima o sujeito. "A epifania do rosto suscita a possibilidade de medir o infinito da tentação do assassino, não como uma tentação de destruição total, mas como responsabilidade –puramente ética dessa tentação e tentativa". (LEVINAS,1980. p.178).

É através da epifania do rosto do outro, que se abrem às portas para o infinito, pois o outro me remete ao desejo de transcendência, pois que não pode ser vista como fenômeno do olhar e nem como a luz na razão mesmice da totalidade. A ética é vista como elemento capaz de reestruturar as relações humanas a partir do respeito pela autonomia de cada membro da relação. Assim a ética é.

> O elo entre a expressão e a responsabilidade condição ou essência da linguagem, essa função da linguagem anterior a todo o desvelamento do ser e do seu fio esplendor permitem subtrair a linguagem e sua sujeição relativamente a um pensamento preexistente cujo movimento inferior ele terá unicamente a servil função de traduzir cá para fora ou de universalizar". (LEVINAS, 1980. p. 179).

A ética do rosto do outro possibilita ser vista de uma ótica em que o outro revela a sua subjetividade na nudez de seu rosto, o qual impulsionado pela bondade e pela justiça, que acolhe e reconhece através dessa transcendência o sentido da existência do outro e na responsabilidade.

Lévinas, por influência bíblica e talmúdica, faz o uso da palavra próximo, como ele chama de comportamento ético. No entanto, esse próximo pode ser qualquer pessoa, independentemente da proximidade física ou mesmo do sentir-se, ou mesmo de estar junto; é

próximo, à medida que sinto um desejo de socorrê-lo, na sua pobreza; na sua miséria, servindo-o. O próximo é aquele que encontro na rua, na condição de necessitado, devo tratá-lo como irmão. Portanto.

> A relação ética, o frente a frente dirime também sobre toda a relação que se poderia chamar mística e onde outros acontecimentos, que não o da apresentação do ser original, vêm subverter ou sublimar a sinceridade pura da apresentação, aonde inebriantes equívocos vêm enriquecer a univocidade original da expressão, onde o discurso se torna encantamento como a oração que se torna rito e liturgia, onde os interlocutores dão por si a desempenhar um papel num drama que começou fora deles. (LÉVINAS, 1980. p 181).

A dimensão ética se solidariza com o sofrimento do outro desperta a compaixão, chama-nos ao amor e prática da justiça. A responsabilidade pelo outro, independente de quem ele seja é que me leva a experimentar o infinito, o transcendente, pois há uma participação de Deus na minha responsabilidade. Neste caminho.

> A responsabilidade pelo outro é à base do estatuto de uma moral que se orienta pelo Desejo do Infinito, pelo Bem além do ser. Essa não-condição é consciência moral, é fundamento sem fundamento de uma não-condição religiosa, na qual a autenticidade da virtude consiste no serviço e na obediência do outro, como Totalmente Outro. (MELO, 2003. p. 252).

É através do outro que vem o apelo para uma vida de doação, não de minha interioridade, não de minha bondade e generosidade. O outro é que me confere o estatuto do ser, sem ele nada sou, torno-me expressão do absoluto. Torno-me eu pela responsabilidade que o outro me confere. O rosto indica o outro, enquanto outro como tu que pode ser reconhecido como pessoa, em uma troca de iguais, com o direito de ser respeitado na sua dignidade, sem ter que ser reduzido a um objeto.

Para Lévinas, a originalidade dessa relação estaria somente no fato de ela não ser realizada a partir de fora, mas de dentro do eu; a relação eu-tu termina por se tornar correlação. É na responsabilidade pelo outro que se estabelece à identidade do eu, e é com o próximo que descobrimos o sentido de nosso ser. O outro me convoca, me impele ao serviço, me chama a existência, me seduz e me faz ser. Neste campo se demarca a ética da alteridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho antropológico religioso resta dizer que o ser humano antes de tudo é o *mais nobre ser*, e devemos levar em conta toda a sua complexidade e a concretude que às vezes causa ameaça aos demais.

Assim podemos questionar o discurso transcendência relacional hoje, ou Deus seria apenas uma utopia ou sonho do ser humano?

É constatável que o transcendência de nosso tempo se apresenta mais como o *Deus-Oásis*, abrigo contra toda forma de angústia, de vazio existencial, de insatisfação frente o medo, do que um Deus que me conduz ao outro, ou até mesmo um Deus que seja outro. Assim numa experiência antropológica religiosa intimista, o ser humano perde o referencial entre si e o transcendente, perde a própria identidade por não conseguir reconhecer o outro.

Assim podemos dizer que o essencial é experimentar o transcendental que se manifesta no rosto do outro. Nos requer um prévio autoconhecimento. E a experiência humana está ligada ao transcende, seja ela qual seu significado e sentido, e concluir, pois que todo ser humano é atingido pela transcendência, seja diretamente ou indiretamente. Isso se dá mediante a autonomia que existe no ser humano.

No entanto a alteridade projeta no ser humano o diálogo. Diante disso, ele é chamado a transcender as suas potencialidades e construir novos caminhos.

Há também instalada uma crise relacional de larga escala, que no seio da sociedade, que está implicitamente impregnada de valores individuais. A individualização não é algo de negativo. Quando é posta em seu devido lugar. A subjetividade é valor para cada ser humano questionar sim, o exacerbamento do individualismo, que engendrou nele mesmo.

A todo o momento dizemos que o ser humano é ser de relação. Resta também dizer, que devido ao processo de emancipação humana acarretou-se, tornar ser do fazer e não do ser, desviando assim a sua vocação de conviver, de relacionar, de cuidar e gerar vidas.

Encontramos em um momento crucial onde o ser humano se encontra inebriado em fazer, e nunca ser, o colocando viseiras e impedindo-o de vislumbrar horizontes novos e aprender a olhar o que está a sua volta, e aprender a ser mais altero.

Entretanto, na maioria das vezes o ser humano não consegue se maravilhar com o outro, pois este ficou engessado dentro de pré-conceitos estabelecidos na sociedade. Mas fica estagnado ser contemplar no rosto do outro futuro e esperança de sua caminhada.

Resta sublinhar a possibilidade de um novo olhar que deve impregnar no ser humano, que hoje chamamos do ética da alteridade. Vale ainda frisar que o reconhecimento do outro nos coloca também na atitude de diálogo com o diferente, com o mundo e com os demais seres nele presente.

É hora de despertar o ethos da alteridade, que quer eclodir da inteligência e da emoção existente em cada pessoa. Pois a concretização da ética tem como princípio motor, o cuidado, com gestos amorosos para com a realidade humana, e nele habita a força maior que rege as utopias humanas.

Para este ética da alteridade se faz necessário à escolha existencial de cada pessoa. É no reconhecimento do rosto do outro que se revela à grandeza do transcendente. Damos lugar à experiência religiosa que surge com novo paradigma de re-encantamento humano, o qual busca contemplar no rosto do outro caminho que me leva a experienciar o transcendental.

Resta dizer que o tema da alteridade e da antropologia religiosa sempre vai nos questionar, e deixar sempre lacunas que acredito que podem ser respondidas gradativamente, mas que está, hoje, deve resgatar o valor da pessoa humana, do amor pelo próximo, que nos ajudará viver e relacionar a transcendência relacional.

BIBLIOGRAFIAS

ALVES, Rubem. O Enigma da Religião. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975. p. 59- 82.

BINGEMER, Maria Clara L. Alteridade e Vulnerabilidade. Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise. São Paulo: Loyola, 1993. 103p.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar-Ética do humano-compaixão pela terra. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1999. 199p.

_____, Leonardo. Experimentar Deus - A transparência de todas as coisas. 3 ed. Campinas: Verus, 2002. 163p.

_____, Leonardo. *O destino do homem e do mundo* - Ensaio sobre a vocação humana. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 12-33

_____, Leonardo. Do lugar do pobre. Petrópolis: Vozes. 1984. 151p.

_____, Leonardo. Ética e Moral-a busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003. 125p.

_____, Leonardo. A águia e a galinha-Uma metáfora da condição humana. 14 ed. Petrópolis:Vozes, 1998. 206p.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

LELOUP, Jean-Yves. Caminhos da realização- Dos medos do eu ao mergulho no ser. 12 ed. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 221p.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Portugal: Edições 70, 1980. p. 167-194.

LEVINAS, Emmanuel. Transcendência e Inteligibilidade. Portugal: Edições 70, 53p.

MELO, Nélio de Viera de. A ética da alteridade em Emmanuel Lévinas. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. 311p.

PENZO, Giorgio e GIBELLINI, Rosino (orgs.) Deus na filosofia do século XX. São Paulo, Edições Loyola, 1998.

RAHNE, Karl. Liberdade e responsabilidade do homem e fundamental da fé. São Paulo: Paulus. 1989. p. 118-123.

RECH, Helena T. As duas faces de uma paixão- Experiência Cristã de Deus. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 34-38.